

CADERNO DE TESES

9º Congresso da Fenametro

Contra as privatizações e por mais direitos

7 a 9 de fevereiro de 2025
São Paulo

FENAMETRO

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS METROFERROVIÁRIOS

ÍNDICE

CONJUNTURA NACIONAL E INTERNACIONAL

Continuamos com desafios e precisamos lutar	3
O Combate à extrema direita é no mundo, e é pela luta e resistência	3
Tese de Conjuntura Nacional do Movimento Luta de Classes – MLC	4
Posicionamento frente à conjuntura internacional	4
Conjuntura nacional	5
Conjuntura internacional	6
Brasil	6
Conjuntura internacional	7
Tese de conjuntura - Fenametro CUT	8

LUTA CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES, PLANO DE LUTAS E MOVIMENTO SINDICAL

Contra a Privatização no Sistema Metroferroviário	9
Tese sobre estudo e Cartilha sobre transporte sobre trilhos	10
Plano econômico para valorização da categoria metroferroviária	10
Unidade Nacional contra Privatizações	11
A Fenametro enquanto ferramenta de luta no movimento sindical	11
Plano de luta	12
Movimento Sindical/Transporte/Luta contra as privatizações	13

OPRESSÕES

Impactos das Privatizações sobre Mulheres, Populações Negras e LGBT+	14
Tese sobre opressões - Fenametro CUT	14
Opressões	14

FINANÇAS

Fortalecimento Financeiro da Federação	15
--	----

BALANÇO

Balanço da Fenametro	15
----------------------------	----

ESTATUTO

Atualização e revisões são necessárias	16
--	----

Continuamos com desafios e precisamos lutar

CONJUNTURA NACIONAL

A classe trabalhadora enfrenta desafios significativos no contexto político e econômico atual. Apesar da derrota de Jair Bolsonaro nas urnas – um presidente cujo governo foi marcado por racismo, machismo, homofobia, entreguismo e negacionismo –, a realidade dos trabalhadores não melhorou substancialmente. O governo Lula/Alckmin, embora tenha adotado algumas medidas sociais, mantém políticas que favorecem interesses do mercado, como concessões e privatizações que impactam negativamente a classe trabalhadora.

As reformas trabalhista e previdenciária continuam em vigor, enquanto o arcabouço fiscal limita

investimentos em áreas essenciais, como transporte público.

A gestão econômica liderada pelo ministro Fernando Haddad prioriza PPPs (Parcerias Público-Privadas), impulsionando concessões e privatizações em setores cruciais, como saneamento e transporte. Um exemplo claro é a privatização da CBTU em Belo Horizonte, que resultou em demissões em massa, retirada de direitos, aumento de tarifas e queda na qualidade dos serviços.

A composição política do governo, que inclui partidos de direita como PP e Republicanos, reforça a aproximação com o centrão e promove retrocessos.

A reforma tributária que favorece as elites, o marco temporal e o PAC, que prioriza concessões, são exemplos dessas políticas.

Essa postura conciliatória fragiliza a resistência e amplia o risco de retorno de lideranças de extrema direita, como Tarcísio de Freitas ou Romeu Zema, em um cenário semelhante ao argentino, onde a conciliação levou ao ressurgimento da direita extrema.

A Fenametro deve romper com o governo Lula/Alckmin e fazer o combate ao governo Tarcísio e demais privatistas.

Assinam: Adelino Boca Negra SP, Adriana Vieira de Melo AL, Alex Fernandes SP, Alex Santana SP, Almir Cyrino SP, Ana Mazzone SP, Ana Paula Almada RS, Carla Yonamine SP, Costa SP, Erick França SP, Evelyn Di Loretto SP, Fabíola Diogo SP, Felipe Carvalho SP, Fernanda Barbosa SP, Fernando Bittencourt SP, Flávio Correa SP, Fred Williames AL, George Araújo SP, Gilmar Lopes SP, Inaya SP, Joel Ramos dos Santos Filho AL, Jorge dos Santos Ferreira RS, Juliana Clemente SP, Leo Davi SP, Liduína Fernandes SP, Luiz Moura SP, Marília Hoshino SP, Noemia RS, Ricardo Silva SP, Rodrigo Armando SP, Roldan SP, Ronaldo Campos SP, Ronas RS, Thiago Leme SP, Thiago Mathias SP

O Combate à extrema direita é no mundo, e é pela luta e resistência

CONJUNTURA INTERNACIONAL

Argentina, Europa, Israel e agora a posse de Trump nos EUA, e com peso para nós aqui no Brasil, as eleições municipais de 2024 simbolizam esse avanço da extrema direita, mas evidentemente, a reação do povo pelo mundo também simboliza o enfrentamento com essa política reacionária.

A heroica resistência do povo palestino forçou o cessar fogo, dificultando assim, o genocídio que o Estado sionista de Israel está praticando na Faixa de Gaza.

O povo sírio está comemorando a queda da sanguinária ditadura de Bashar al-Assad, povo ucraniano se enfrentando com imperialismo russo são parte desse combate ao avanço da extrema direita.

Resistir contra o avanço reacionário, é garantir a liberdade de expressão; a democracia; impedir o machismo, o racismo e a homofobia; combater a crise climática; defender direitos; garantir serviços públicos; parar as guerras imperialistas. E para isso será importante toda solidariedade e unidade mundial nas lutas.

Assinam: Adelino Boca Negra SP, Adriana Vieira de Melo AL, Alda Santos MG, Alex Fernandes SP, Alex Santana SP, Almir Cyrino SP, Ana Mazzone SP, Ana Paula Almada RS, Carla Yonamine SP, Costa SP, Erick França SP, Evelyn Di Loretto SP, Fabíola Diogo SP, Felipe Carvalho SP, Fernanda Barbosa SP, Fernando Bittencourt SP, Flávio Correa SP, Fred Williames AL, George Araújo SP, Gilmar Lopes SP, Inaya SP, Joel Ramos dos Santos Filho AL, Jorge dos Santos Ferreira RS, Juliana Clemente SP, Leo Davi SP, Liduína Fernandes SP, Luiz Moura SP, Marília Hoshino SP, Noemia RS, Ricardo Silva SP, Rodrigo Armando SP, Roldan SP, Ronaldo Campos SP, Ronas RS, Thiago Leme SP, Thiago Mathias SP

Tese de Conjuntura Nacional do Movimento Luta de Classes - MLC

O sistema capitalista é responsável por todas as mazelas vividas pela classe trabalhadora brasileira, porque é pela manutenção da propriedade privada sobre os meios de produção, como as fábricas, as terras, os rios, os bancos, os veículos de comunicação e os transportes, que se pode existir o aumento da concentração de riqueza desenfreada e, conseqüentemente, o aumento da concentração de pobreza.

Enquanto 60 bilionários brasileiros acumulam R\$ 943 bilhões, 64 milhões de brasileiros passam fome, 7 milhões não têm emprego e mais de 300 mil vivem em situação de rua. Além disso, esses ricos, patrões e parasitas, utilizam-se do pagamento dos juros da dívida pública - dívida contraída, em sua maior parte, durante o período da ditadura, que jamais foi auditada, e que consome mais de 40% do PIB nacional -, para sugar até os ossos as riquezas produzidas pelo povo brasileiro e impulsionar suas margens de lucro. A política econômica do governo Lula nada faz para combater a desigualdade: o Arcabouço Fiscal

[continuação do Teto de Gastos], limitou o aumento do salário mínimo a apenas 7,5% em 2025 - o quadro é mais grave para as mulheres: recebem 19,4% a menos que os homens, e são responsáveis por 49,1% dos lares no país; a revisão de concessões do BPC representará cortes de mais de R\$ 13 bilhões.

Contudo, os preços dos aluguéis e o da cesta básica aumentaram em 13,5% e em 10,55% no último ano, respectivamente, e estão previstos mais de R\$ 500 bilhões em renúncias fiscais para grandes empresas, cifra três vezes maior que o orçamento do Bolsa Família.

O caminho da conciliação de classes, daqueles que defendem que “é possível governar para todos, para patrões e empregados”, que “devemos confiar na institucionalidade” e que “é possível garantir dignidade às pessoas no capitalismo”, tem se provado a antessala do fascismo, pois permite que a corja liderada por Bolsonaro e pelos generais organizadores da tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023, organize-se livremente e confiante na impunidade, que continue

movimentando uma poderosa máquina de propagandas mentirosas e que se apresente como “solução” para os problemas que a própria social-democracia não tem condições de resolver.

Acreditamos que a luta de classes, entre explorados e exploradores, trabalhadores e patrões, é o motor da história, e que somente é possível dar fim a exploração dos nossos trabalhos e de nossas vidas a partir de grandes mobilizações populares, de greves e manifestações que tomem as ruas de todo país - como foram as jornadas de luta pelo fim da escala 6x1 e pelo Fora Bolsonaro.

É preciso lutar para que o pleno emprego seja um direito, pelo direito de moradia para todos, pelos direitos das mulheres e pelo controle popular sobre a produção e os meios de produzir, sobre os bancos, os meios de comunicação e transporte. É preciso construir a sociedade socialista.

Assinam: Gustavo Matos, Ricardo Senese, Andrea Lemos, Mirelle Lopes, Renato Melo, Maurício Meira, Marcos Gugoni, Cleyton Silva, Lucas Marçal, Carlos Correa, Altair Ferreira, Felipe Guaré, Valdenora Souza, Mateus Melo e Alice Lopes

Posicionamento frente à conjuntura internacional

A perspectiva de uma posição internacionalista socialista reconhece que o capitalismo é um sistema global de opressão e exploração que conecta as economias nacionais como elos de uma única cadeia. Evidenciando a importância da união entre os povos como uma resposta para a superação do capitalismo.

Logo, esse caráter internacional ficou evidente nas eleições de 2024 no Reino Unido e na França com os avanços para a esquerda, com o Partido Trabalhista derrotando os Conservadores no Reino Unido e a Nova Frente Popular superando a extrema-direita na França. Esses resultados refletem a rejeição popular à

política imperialista de guerras e ao genocídio na Palestina, com o novo governo francês comprometendo-se a reconhecer o Estado palestino. Na França, em 8 de março, centenas de milhares de trabalhadores participaram de manifestações pelo Dia Internacional dos Direitos da Mulher, organizadas sob o nome

“Greve Feminista” por dezenas de coletivos, sindicatos e partidos de esquerda. As vitórias eleitorais e as mobilizações feministas desmentem a propaganda da mídia burguesa, que busca frear pautas populares para preservar os lucros bilionários à custa dos trabalhadores.

Já na América Latina enfrenta profundas desigualdades sociais, agravadas pela exploração capitalista e pelas disputas interimperialistas entre Estados Unidos, China e União Europeia. Em reflexo desse cenário o avanço da direita, incluindo expressões fascistas como no governo Bolsonaro no Brasil e no anarco-capitalismo de Javier Milei na Argentina, os quais representam ameaças para o povo.

Em contraponto, lutas de trabalhadoras, trabalhadores e jovens demonstram a resistência e apontam caminhos para enfrentar esses regimes.

Com milhões em Gaza vivendo sem acesso a alimentos e água potável, decorrente ao genocídio promovido pelo Estado fascista de Israel contra o povo palestino evidencia uma grave crise humanitária. Apesar de mobilizações globais e mandados de prisão emitidos pelo Tribunal Penal Internacional contra líderes israelenses, o governo brasileiro permanece conivente, firmando contratos militares milionários com Israel e evitando romper relações diplomáticas. É urgente priorizar investimentos em saúde, educação e serviços públicos, em vez de financiar a máquina de guerra israelense.

Percebe-se que esses países imperialistas agem sempre em combinação com as burguesias locais para manter o domínio dos monopólios capitalistas e do capital financeiro sobre as nações, criando obstáculos aos movimentos revolucionários,

e até para os movimentos progressistas. Com isso o caráter internacional dessas lutas demonstra que, apesar das diferenças políticas, culturais e geográficas, o capitalismo segue agindo da mesma maneira mundo afora e somente a união e combate da classe trabalhadora poderemos dar fim à opressão capitalista e construir a sociedade do internacionalismo e da solidariedade entre os povos, a sociedade socialista.

Assinam: Gustavo Matos, Ricardo Senese, Andrea Lemos, Mirelle Lopes, Renato Melo, Maurício Meira, Marcos Gugoni, Cleyton Silva, Lucas Marçal, Carlos Correa, Altair Ferreira, Felipe Guaré, Valdenora Souza, Mateus Melo e Alice Lopes

Conjuntura nacional

CONJUNTURA NACIONAL

No Brasil, nossa luta deve ser hierarquizada pela compreensão de que a extrema direita é o principal inimigo da classe trabalhadora. Tanto porque somos internacionalistas, quanto porque a dinâmica política golpista deste setor já se deixou evidente pelas investigações da polícia federal que indiciou Bolsonaro e prendeu o ex-ministro da Casa Civil e general de quatro estrelas Braga Neto.

A luta por nenhuma anistia, pela prisão e punição de todos os golpistas, a começar por Bolsonaro, deve seguir na ordem do dia. A repercussão do filme Ainda Estou Aqui deve servir também para animar a luta pelo fim das regalias dos militares.

A vitória de Lula foi fundamental para intimidar o avanço do projeto neofascista no Brasil.

Mas, está claro que essa vitória não significou o fim desse projeto e sua influência sobre a consciência do povo trabalhador. Além disso, a parte da elite brasileira que se coloca crítica ao bolsonarismo, incurte no erro e risco de normalizar esse setor político e de associar determinadas figuras a moderação, abordagem recorrente e equivocada da mídia corporativa em relação ao governador de São Paulo Tarcísio de Freitas. A mesma mídia realiza campanhas e pressões, junto com o chamado “mercado”, para que o governo não cumpra as promessas de

campanha que fizeram com que o povo trabalhador votassem em Lula.

De outro ângulo, é necessário apontar e criticar que o governo sucumbe a muitas dessas pressões, tanto na forma de atender a interesses e demandas do mercado, como se expressou no projeto de ajuste fiscal, que, por exemplo, limita o reajuste anual do salário mínimo, quanto na forma de incorporar demandas do fisiologismo do Centrão, dando espaço em Ministérios, etc.

Há um grande debate no interior da esquerda e dos movimentos sociais sobre o perfil que o projeto de esquerda deve adotar para impedir a volta da extrema direita

ao poder. Somos parte daqueles que acredita que a volta da extrema direita pode ser evitada com um programa de luta que atenda as demandas do povo trabalhador, que enfrente a saga elitista das classes dominantes do país, que faça disputa política e ideológica contra os retrocessos impostos pelo avanço da extrema direita, que não sucumba ao programa usurpador de riquezas das privatizações e que não aposte na conciliação entre interesses inconciliáveis.

Assinam: Camila Lisboa, Bernardo Lima, Leandro Miserável, Sergio Carioca, Dagnaldo Gonçalves e Paulo Pasin

Conjuntura internacional

CONJUNTURA INTERNACIONAL

A atual situação política internacional é marcada pelo avanço da extrema direita, com a posse de Trump em uma versão mais radicalizada e o aprofundamento das relações de seu projeto com os maiores bilionários do mundo que controlam as Big Techs.

O protecionismo econômico de Trump e sua defesa do estado mínimo e da meritocracia, combinados com o discurso preconceituoso contra os imigrantes, ameaças de invasões e de ataques à soberania de outros países compõe o novo cenário da disputa geopolítica mundial.

Essa realidade demanda o reforço dos laços de solidariedade internacional entre os povos explorados e oprimidos do mundo, além do fortalecimento de um programa de luta antifascista e anti-imperialista.

Esse programa e ação de luta demanda o acompanhamento do cessar-fogo no genocídio israelense contra a Faixa de Gaza e também a denúncia do que a aliança entre o sionismo e o imperialismo estadunidense causam de guerras e destruições.

Assinam: Camila Lisboa, Bernardo Lima, Leandro Miserável, Sergio Carioca, Dagnaldo Gonçalves e Paulo Pasin

Brasil

CONJUNTURA NACIONAL

O governo Lula foi eleito na esteira do desgaste do Bolsonaro, mas com a política de conciliação de classes, um governo que tem como vice o ex governador de São Paulo Alckmin que até então era considerado inimigo número um da educação, da juventude, do transporte ou da juventude. Pra muitos agora é o companheiro Alckmin.

Que governo junto com o centrão que esteve em todos os governos da Nova República.

Um governo que trouxe a maioria das centrais sindicais para dentro do governo, uma exceção é a CSP-Conlutas que manteve sua independência política em defesa da classe trabalhadora contra todos os governos que servem para a burguesia de uma forma ou de outra.

de outra. O governo Lula aplicou o Arcabouço Fiscal que na prática significa dar uma teto de gastos sociais a serviço do grande capital.

Já o bolsonarismo como foi demonstrado estava por trás de alguns atentados frustrados e que devem ser punidos exemplarmente com prisões e confisco de bens já que ameaçava as poucas liberdades democráticas que a classe trabalhadora tem.

Por isso nos localizamos contra a direita, ultradireita, centro e o governo Lula a serviço do capital. Por isso só os uma oposição de esquerda a todos estes governos e suas ilusões de aliança com o grande capital, como se pudessem de verdade melhorar a vida da maioria da população dentro do capitalismo ainda mais em decadência.

E a luta contra a privatização também lutamos contra todos os governos. Tarcísio em São Paulo com a sua privatista inclusive com apoio do BNDES, ou seja, do governo Lula nas novas linhas sobre trilhos que já nascem privatizadas, ou a ameaça de privatização das estatais federais como o sistema CBTU ou o metrô do Rio Grande do Sul.

Mesmo assim é necessário uma unidade de ação contra todos os ataques contra a classe trabalhadora e maioria da população sem rabo preso com nenhum destes governos.

E defender uma saída independente da classe trabalhadora contra os governos de plantão, seus ataques e contra este sistema capitalista e suas instituições, combinando a habilidade da unidade de ação, mas sem capitular ao jogo de ilusão do próprio sistema com seus diversos tipos de governos.

Assinam: Celso Borba, Narciso, Marisa, Camilo, Maria Clara e Altino

Conjuntura internacional

CONJUNTURA INTERNACIONAL

O sistema capitalista cada vez aumenta mais a concentração de renda, a destruição do meio ambiente, o aumento da miséria e sofrimento da maioria das população.

Temos guerras como a da resistência ucraniana contra a invasão russa desde 24 de fevereiro de 2022, quase três anos de uma invasão que Putin imaginava que seria muito rápida. Teve o episódio como o dos mercenários privados do Grupo Wagner contratados pelo Putin e que depois foram assinados pelo próprio governo russo. Ou mesmo a contratação de jovens soldados da Coreia do Norte como bucha de canhão.

Estamos só lado do povo ucraniano e sem nenhuma confiança no governo Zelensky ou nos ou interesses da UE e dos EUA. É uma luta justa pela autodeterminação.

A guerra de Israel contra o povo palestino e que teve o conflito mais recente desde o ataque de 8 de outubro de 2023 quando o Ganas atacou Israel e deteve reféns para troca por prisioneiros palestinos.

Israel fez um ataque feroz, atacou a liderança do Hamas, do Hezbollah etc.

Mesmo assim o conflito durou muito mais tempo do que o exército israeln se imaginou, durando mais de uma ano. Neste momento Israel fez um acordo de cessar fogo com o grupo Hamas que eles diziam que não iria existir mais, com diversas comemorações do povo palestino ao libertar presos por longos anos, mesmo com o massacre do Estado de Israel.

As eleições americana com o advento do Trump com su política ultra protecionista é um grande tema a ser analisado junto com

com outros governos de ultra direita como Milei na Argentina e na Itália.

Ao mesmo tempo, Lula do PT volta ao governo no lugar do Bolsonaro.

Mas nenhum destes governos conseguem estancar as feridas das contradições do sistema capitalista.

Assinam: Celso Borba, Narciso, Marisa, Camilo, Maria Clara e Altino

Tese de conjuntura - Fenametro CUT

O mundo vem se tornando um lugar cada vez mais perigoso de se viver. Não somente pela extrema violência dos desastres climáticos, mas, principalmente pelas ações expansionistas e belicosas dos países do Norte Global. Enganam-se aqueles que acham que o colonialismo está morto. As guerras que vem acontecendo em vários continentes, não são somente comerciais, mas físicas também. A violação de um acordo pela Ucrânia, planejada e sustentada pela OTAN (mais uma vez países do Norte Global) fez com que a Rússia reagisse e entrar em guerra contra a Ucrânia. No Oriente Médio, o projeto expansionista de Israel, produziu um verdadeiro genocídio de Palestinos em Gaza e na Cisjordânia; além de invadir outros países como Libano e Síria. Toda essa ação também sustentada pelos Estados Unidos e com certa complacência dos países europeus. No continente africano, os conflitos são estimulados por grandes corporações que visam acesso a matérias primas e controle da infraestrutura. Contando com um exército de mercenários e lideranças corruptas locais. O pano de fundo desses conflitos, passa pela reação ao crescimento da Rússia no fornecimento de insumos naturais como gás e petróleo, bem como da crescente expansão industrial da China na produção de bens de consumo e tecnologia de ponta; competindo ferozmente com os Estados Unidos. Também não podemos deixar de mencionar o avanço da extrema direita na Europa e nos Estados Unidos. Estamos assistindo “renascimento” do fascismo; que nos levou a duas grandes guerras mundiais.

Aqui no Brasil, com a montagem de uma frente ampla, conseguimos barrar esse avanço com a vitória de Lula em 2022, mas não derrotamos o fascismo que hoje se encontra mais enraizado na sociedade. O governo segue acuado por duas frentes principais de oposição: O Mercado e o Congresso. Quando falamos do Mercado, é preciso deixar claro que estamos falando de uma elite, que vem crescendo com a especulação financeira com as altas taxas de juros que sangram a economia nacional e o bolso dos mais pobres. E, quando nos referimos ao Congresso Nacional, também estamos falando de uma classe conservadora que procura manter todos os seus privilégios, como subsídios, isenção de impostos, libertinagem financeira, terras improdutivas, e por aí segue. A recente discussão sobre uma reforma tributária é um exemplo clássico de como essas forças atam no cenário político, contratando um exército de lobistas e distribuindo recursos para defesa de seus interesses. Foi só incluírem a proposta, desde a campanha eleitoral, de isentar a tributação do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5.000,00 que “nossa” grande mídia partisse para o ataque contra o governo e desse a largada para a campanha de 2026. O que assistimos com as fakes sobre a taxa de PIX é só mais um exemplo da proposta de desregulamentação e controle sobre finanças. Todo o “mercado” ilegal e criminoso se beneficiou com esse ataque, com a liberação das chamadas “fintechs” que não informam ao Banco Central suas operações financeiras, escondendo a origem dos recursos e seus verdadeiros donos.

Nesse cenário começamos a próxima campanha eleitoral, e agora com as principais empresas de mídia social quase que livres para divulgar mentiras e ataques pessoais. Um pouco do tom da campanha eleitoral da cidade de São Paulo em 2024. E por falar nisso, os resultados dessa eleição deixam claro que o chamado centro, ou a direita que come com garfo e faca, ganhou musculatura e representação política. Cabe a esquerda ter um bom diagnóstico da conjuntura e traçar estratégias e táticas desde agora, e não esperar começar a campanha oficial para se movimentar.

Assinam: Almeida Junior – AS, Robson Santos - OT, Sheila Ueta - OT, José Tagliari - GSO, Kobori - AS, Carlos Freitas - OT, Arilson - AS, Vinícius Morgado - AS, Marcos Freire - OT, Pedro - Monotrilho, Nailton Alves (Bochecha) - PIT, Amaral - PIT, Wagner João - OT, Adriana Zampieri - OPE, Carol - OPS, João Laruccia - OT, Elaine Damásio, Eduardo Pacheco - Aposentado, Marlene – Aposentada, Eduardo Santos – OT

LUTA CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES, PLANO DE LUTAS E MOVIMENTO SINDICAL

Contra a Privatização no Sistema Metroferroviário

Privatização é o processo de transferência de empresas ou serviços públicos para a iniciativa privada, geralmente justificado como meio de melhorar a eficiência e qualidade dos serviços. Contudo, na prática, isso muitas vezes resulta no oposto, especialmente em setores estratégicos e serviços essenciais. As maiores vítimas desse processo são a população e os trabalhadores, que enfrentam serviços precários e condições de trabalho deterioradas, enquanto os grandes beneficiados são os donos e acionistas das empresas privadas, que recebem contratos vantajosos e lucros garantidos.

Um exemplo ilustrativo é o caso da ViaQuatro e ViaMobilidade em São Paulo, que receberam mais de R\$ 1,3 bilhão em compensações tarifárias em 2023. Apesar de transportarem menos passageiros e administrarem menos estações que as empresas públicas (Metrô e CPTM), as tarifas médias cobradas por passageiro são significativamente mais altas. Ainda assim, a qualidade dos serviços não melhora: as linhas operadas pela ViaMobilidade apresentaram falhas frequentes, incluindo descarrilamentos e princípios de incêndio, enquanto as linhas públicas tiveram desempenho superior.

Além das tarifas elevadas, como os R\$ 7,60 cobrados pelo metrô do Rio de Janeiro (administrado pela SuperVia) ou os R\$ 5,30 do metrô privatizado de Belo Horizonte, os serviços continuam a piorar, evidenciando que o lucro é a prioridade das empresas privadas, e não o bem-estar da população. Mesmo com subsídios públicos, os recursos são direcionados para acionistas e empresários, como no caso da CCR, que gerou cinco novos bilionários em 2022.

Enquanto isso, o subfinanciamento das empresas públicas gera sucateamento, com equipamentos quebrados, trens com falhas e quadro de funcionários deficitário. O quadro de funcionários do Metrô de São Paulo sofre redução há dez anos consecutivos, e os dados do Ministério Público indicam um déficit de 26% de profissionais em todas as áreas. O último concurso público da empresa para o setor de operação foi em 2016. Isto mostra o quão urgente é a abertura de concursos públicos para o fortalecimento da empresa pública e aumento da qualidade do serviço prestado à população.

As demissões em massa sempre acontecem no processo de privatização. Em Belo Horizonte, dois terços dos trabalhadores do metrô foram demitidos após a venda da empresa, resultando na

perda de conhecimento técnico acumulado e no desamparo de milhares de trabalhadores. Em outro exemplo de perda deste 'know-how', a CPTM teve de ser contratada para solucionar problemas operacionais da SuperVia no Rio de Janeiro em 2024.

Internacionalmente, países como Coreia do Sul, França, Alemanha, Chile e Argentina têm reestatizado sistemas ferroviários devido à falta de investimentos, problemas operacionais, déficits financeiros ou pela necessidade de garantir acesso universal aos serviços. No Brasil, o metrô de Teresina demonstrou o impacto positivo de um sistema gratuito, com um aumento de 40% no número de passageiros no primeiro dia de gratuidade.

Serviços essenciais e estratégicos, como transporte público, não devem priorizar lucros, mas atender às necessidades da população e contribuir para o desenvolvimento do país. A proposta de um transporte público gratuito e universal só pode ser alcançada com o controle popular destas empresas. Proposta esta que só será garantida pela construção do Socialismo.

Assinam: Gustavo Matos, Ricardo Senese, Andrea Lemos, Mirelle Lopes, Renato Melo, Maurício Meira, Marcos Gugoni, Cleyton Silva, Lucas Marçal, Carlos Correa, Altair Ferreira, Felipe Guaré, Valdenora Souza, Mateus Melo e Alice Lopes

Tese sobre estudo e Cartilha sobre transporte sobre trilhos

A Fenametro junto com o Ilaease fez duas Cartilhas a partir de um estudo mais profundo sobre o sistema metro ferroviário.

De lá pra cá, avançou bastante as privatizações como em São Paulo com duas linhas do metrô (L4 e L5) privadas, várias novas linhas que já nascem privadas. As linhas 7, 8 e 9 da CPTM, ferrovia da grande São Paulo também já privatizadas, e com ameaça de privatização de mais três linhas, restando assim apenas uma estatal. Metrô de BH do sistema CBTU privatizado em 2023. Ameaça de privatização de todo sistema CBTU que inclui o Metrô de Recife e ferrovias do Nordeste.

A manutenção do metrô do Rio Grande do Sul, Transurb, na lista de desestatização. O metrô do DF sempre ameaçado de privatização e com processo avançado.

Além do surgimento de novas linhas todas privatizadas com investimento do BNDES.

E o Rio de Janeiro que foi privatizado no período do FHC. Isso mostra um avanço enorme no processo de privatização no setor.

Já existem elaborações regionais dos sindicatos contra as privatizações.

Mas é necessário aprofundar, estudar, debater e globalizar este tema para dar mais consciência e ajudar na propaganda e luta contra

as privatizações de conjunto do setor.

Por isso, propomos:

A Fenametro encaminha um novo estudo com caráter de urgência sobre as privatizações do setor metrô ferroviário para subsidiar umas das principais lutas do setor e da população já que repassam verbas públicas para financiar grandes empresários como a CCR.

Assinam: Celso Borba, Diego, Messias, Marisa, Narciso, Altino, Maria Clara e Camilo

Plano econômico para valorização da categoria metroferroviária

A classe trabalhadora internacional se encontra refém da política econômica capitalista, que afeta a vida da classe trabalhadora com a precarização e exploração da mão de obra - como, por exemplo, nas práticas de arrocho salarial e aumento da carga horária de trabalho -, e através de uma estrutura que sobrevive de crises cíclicas, da destruição e reconstrução de recursos materiais e humanos e das guerras.

Por isso, é de extrema importância que a luta da classe trabalhadora apresente um caráter político às suas pautas econômicas.

Defendemos a valorização geral dos salários dos trabalhadores metroferroviários, com salários e benefícios (Vale Refeição, Vale Alimentação, Participação dos Resultados - inclusive para mulheres de licença maternidade, etc...) que consigam suprir as necessidades dos trabalhadores da categoria, considerando não somente a inflação de produtos e serviços essenciais, mas também a carestia dos alimentos, alta nos preços dos aluguéis de imóveis e tarifas de transporte.

O salário mínimo para sustentar uma família de quatro pessoas, segundo o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), em estudo de Janeiro de 2025, deveria ser de R\$ 7067,68.

Uma etapa necessária para o avanço da pauta econômica nacional da categoria metroferroviária é a regulamentação da categoria de trabalho perante o Ministério do Trabalho. A regulamentação dos trabalhadores do ramo metroferroviário possibilitará o estabelecimento de um piso salarial nacional e a implementação de um valor salarial de referência conforme as funções desempenhadas, diminuindo os déficits salariais, promovendo assim equiparação salarial na categoria, e pressionando o aumento dos salários dos trabalhadores e trabalhadoras das empresas privatizadas.

É de extrema importância lutar para defender o transporte metroferroviário público e pela reestatização de todas as empresas privatizadas.

Empresas privadas visam o lucro. Por isso, cortam investimentos em manutenção e, principalmente, com a força de trabalho, forçando seus trabalhadores a trabalharem em menores contingentes, em escalas de trabalho mais exaustantes e extensas, exercendo funções acumuladas e com menores salários em relação aos trabalhadores das empresas públicas.

Para fortalecimento das empresas metroferroviárias públicas e reestatização das empresas privadas, há a necessidade da realização de campanhas populares, construindo, atos e greves que denunciem os malefícios das privatizações e terceirizações e defendam a abertura de concursos públicos, o direito de greve e o transporte público gratuito.

Assinam: Gustavo Matos, Ricardo Senese, Andrea Lemos, Mirelle Lopes, Renato Melo, Maurício Meira, Marcos Gugoni, Cleiton Silva, Lucas Marçal, Carlos Correa, Altair Ferreira, Felipe Guaré, Valdenora Souza, Mateus Melo e Alice Lopes.

Unidade Nacional contra Privatizações

Uma Federação Independente e Combativa

Diante dos desafios atuais, é fundamental fortalecer a união dos trabalhadores e superar divergências políticas para alcançar objetivos comuns. A Fenametro deve atuar como catalisadora de mobilizações essenciais, priorizando a defesa dos direitos dos trabalhadores e a preservação da democracia, sem se submeter ao cenário eleitoral.

A próxima gestão precisa avançar com independência, construindo mobilizações amplas, engajando outros setores e garantindo a sustentabilidade de serviços públicos de qualidade, sem influência de governos ou patrões.

Unidade na Luta e Independência de Classe

A conjuntura exige que o movimento sindical se organize de forma independente e autônoma. Resistir aos ataques, defender empregos e lutar por serviços públicos de qualidade são prioridades.

A unidade entre trabalhadores de diferentes estados e categorias é essencial para combater privatizações, concessões e terceirizações, assim como pela reestatização das empresas já privatizadas.

A experiência de Minas Gerais, com a privatização da CBTU, ilustra a necessidade de organização conjunta. A luta isolada da categoria mineira limitou a resistência, enquanto outros estados, como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Alagoas, enfrentaram desafios semelhantes. Planejar e implementar uma greve nacional unificada do setor metroferroviário, articulando todos os sindicatos e promovendo campanhas de conscientização, é fundamental para avançar.

Nossos delegados defendem oposição e independência aos governos; greve por tempo indeterminado contra a privatização; comando de greve nacional; trabalho sério nas bases, com plano de atividades e calendário de mobilização; diretores revogáveis em seus estados; oposição e independência a qualquer governo.

Assinam: Adelino Boca Negra SP, Adriana Vieira de Melo AL, Alda Santos MG, Alex Fernandes SP, Alex Santana SP, Almir Cyrino SP, Ana Mazzone SP, Ana Paula Almada RS, Carla Yonamine SP, Costa SP, Erick França SP, Evelyn Di Loretto SP, Fabíola Diogo SP, Felipe Carvalho SP, Fernanda Barbosa SP, Fernando Bittencourt SP, Flávio Correa SP, Fred Williams AL, George Araújo SP, Gilmar Lopes SP, Inaya SP, Joel Ramos dos Santos Filho AL, Jorge dos Santos Ferreira RS, Juliana Clemente SP, Leo Davi SP, Liduína Fernandes SP, Luiz Moura SP, Marília Hoshino SP, Noemia RS, Ricardo Silva SP, Rodrigo Armando SP, Roldan SP, Ronaldo Campos SP, Ronas RS, Thiago Leme SP, Thiago Mathias SP

A Fenametro enquanto ferramenta de luta no movimento sindical

Uma Federação Independente e Combativa

A Fenametro possui um histórico de greves e mobilizações em defesa dos direitos da categoria. É crucial retomar atividades como plenárias, seminários temáticos (segurança pública, combate a opressões) e a luta pela regulamentação da profissão metroferroviária, inclusive observando as resoluções do último congresso para dar andamento nos trabalhos em comissão sobre o tema.

Além disso, a Federação deve promover cursos de formação para dirigentes e ativistas, ampliando a consciência de classe e a capacidade de mobilização.

Comunicação Estratégica e Impacto na Sociedade

Uma comunicação eficiente é vital para conquistar apoio público. A Fenametro deve intensificar o uso de redes sociais e tecnologias como Big Data para alcançar a população e esclarecer os impactos negativos de concessões e privatizações.

Dados mostram que o desconhecimento sobre termos como “concessão” é alto. A estratégia deve destacar a conexão entre concessão e privatização, reforçando os prejuízos dessas práticas e mobilizando a opinião pública.

Investimentos para o Futuro do Transporte

A cartilha elaborada pela Fenametro demonstrou os benefícios sociais dos sistemas metroferroviários e os prejuízos das privatizações.

A Federação deve atualizar esse material e buscar apoio para políticas que garantam investimentos públicos no setor, defendendo que o transporte sobre trilhos seja tratado como um investimento estratégico para o país.

Nessa atualização, considerando que a Federação é signatária do manifesto sobre o SUM, que deu base para a apresentação da PEC sobre Sistema Único de Mobilidade, precisamos dar foco nesse aspecto do trabalho, buscando contribuição de especialistas no tema, estudando todas as formas possíveis e viáveis para a implantação desse sistema, visando um transporte público com tarifa zero de qualidade e que seja público, estatal e com expansão no setor sobre trilhos.

Renovação e Engajamento

A imprensa da Fenametro desempenhou papel crucial no passado, ampliando a visibilidade da entidade. É hora de renovar essas iniciativas, utilizando pesquisas e estratégias modernas para ampliar o alcance e fortalecer a luta pelos direitos da categoria.

Compromisso com a Luta

Este documento reflete o compromisso de fortalecer a Fenametro como um instrumento de luta. A união e mobilização são a chave para resistir aos ataques contra os trabalhadores e avançar na construção de um transporte público mais justo e acessível.

A Fenametro deve atuar de forma independente, promovendo boas relações com outras entidades sindicais e garantindo pluralidade e autonomia.

Investir em comunicação para conscientizar a população sobre as consequências das privatizações é crucial. Uma campanha nacional contra as privatizações deve culminar em uma greve nacional unificada do setor metroferroviário.

Ademais, a Fenametro deve retomar a resolução do último congresso, buscando aproximação com a FITF (Federação Interestadual dos Trabalhadores Ferroviários), ampliando a unidade e fortalecendo a resistência aos ataques aos direitos trabalhistas.

A luta contra as privatizações, concessões e terceirizações é essencial para preservar o patrimônio público, garantir direitos fundamentais e combater as desigualdades. O movimento sindical deve liderar essa resistência, organizando trabalhadores e mobilizando a sociedade em defesa de um Brasil mais justo e igualitário. A unidade e a mobilização são o caminho para a vitória!

Assinam: Adelino Boca Negra SP, Adriana Vieira de Melo AL, Alda Santos MG, Alex Fernandes SP, Alex Santana SP, Almir Cyrino SP, Ana Mazzone SP, Ana Paula Almada RS, Carla Yonamine SP, Costa SP, Erick França SP, Evelyn Di Loretto SP, Fabíola Diogo SP, Felipe Carvalho SP, Fernanda Barbosa SP, Fernando Bittencourt SP, Flávio Correa SP, Fred Williams AL, George Araújo SP, Gilmar Lopes SP, Inaya SP, Joel Ramos dos Santos Filho AL, Jorge dos Santos Ferreira RS, Juliana Clemente SP, Leo Davi SP, Liduína Fernandes SP, Luiz Moura SP, Marília Hoshino SP, Noemia RS, Ricardo Silva SP, Rodrigo Armando SP, Roldan SP, Ronaldo Campos SP, Ronas RS, Thiago Leme SP, Thiago Mathias SP

Plano de luta

Como plano de luta defendemos a atuação política independente da Federação, sem reproduzir o discurso golpista com feições de esquerda. Defender o governo Lula dos ataques golpistas, mas criticar o que tiver de ser criticado. E fazer uma batalha sem tréguas contra a extrema direita. Construir a unidade da classe trabalhadora para impedir privatizações e qualquer outro tipo de retrocesso.

Propomos que a FENAMETRO se engaje na proposta impulsionada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Plebiscito Popular pelo fim da escala 6x1 e também pela taxaço das grandes fortunas.

Assinam: Camila Lisboa, Bernardo Lima, Leandro Miserável, Sergio Carioca, Dagnaldo Gonçalves e Paulo Pasin

Movimento Sindical/Transporte/Luta contra as privatizações

Do ponto de vista da organização do movimento sindical, é necessário aprofundar as relações com os movimentos sociais. O movimento sindical mudou e ficou mais difícil representar e organizar o povo trabalhador brasileiro. Por isso, parte da sobrevivência e eficiência do movimento sindical passa por pautar demandas que dialogam com a maioria da população que tem dificuldade de acesso aos serviços públicos, que sofre com o encarecimento dos serviços básicos. Nós do transporte temos uma arma muito grande que faz parte do sentido de existência do nosso trabalho: o transporte de milhões de pessoas nas grandes cidades brasileiras. Não há sindicalismo combativo que não tenha iniciativas de diálogo com a população. A luta pura e simplesmente corporativa não favorece a luta por uma sociedade e por consequência não garante os devidos resultados específicos.

O maior enfrentamento pelos quais passam as categorias que a FENAMETRO representa é justamente a luta contra as privatizações, o que demanda muito diálogo com a população e superar o elitismo corporativista do velho movimento sindical.

Além disso, por toda a complexidade da realidade política nacional e internacional, é necessário estimular a mais ampla unidade na luta, para que o conjunto da classe trabalhadora sintam-se representada e segura para sair à luta. Entendemos que este é um mecanismo fundamental para destravar as mobilizações dos trabalhadores.

Em relação à luta contra a privatização, é necessário lutar para que este seja um tema de lutas e campanhas de todas as organizações de luta da classe trabalhadora, pois o impacto das privatizações não se exerce apenas sobre os trabalhadores das empresas e serviços que podem ser privatizados, mas também sobre os usuários desses serviços públicos. E muitos serviços tem vivido as péssimas consequências da privatização, como vemos com os apagões em diversas partes do país, fruto da privatização da energia elétrica. Assim como também vemos com o transporte sobre trilhos, pois aonde ocorreram as privatizações, o serviço piorou e as tarifas ficaram mais caras.

É necessário também denunciar os contratos de concessões feitos para garantir a lucratividade dos grupos econômicos. Esses contratos transformam o discurso da privatização em uma anomalia, pois diferente do que se propaga, o Estado gasta mais dinheiro com os subsídios para as concessionárias privadas do que com o financiamento das empresas públicas. Isso deve ser denunciado, para que o discurso da privatização seja desmascarado: as concessões do transporte sobre trilhos e demais serviços são, na verdade, a privatização do lucro e a socialização do prejuízo.

Assinam: Camila Lisboa, Bernardo Lima, Leandro Miserável, Sergio Carioca, Dagnaldo Gonçalves e Paulo Pasin

Impactos das Privatizações sobre Mulheres, Populações Negras e LGBT+

As privatizações aumentam desigualdades, afetando desproporcionalmente mulheres, pessoas negras e a população LGBT+. Maioria dos LGBT+ não se sentem confortáveis para revelar sua orientação sexual no trabalho, enquanto ínfima minoria de pessoas trans possuem emprego formal. A informalidade e a precarização agravam ainda mais essas desigualdades.

Para mulheres, especialmente negras, a privatização de serviços essenciais impacta diretamente sua qualidade de vida.

Maioria entre os usuários de transporte público, elas enfrentam o aumento de tarifas e a piora dos serviços, acumulando responsabilidades domésticas e de cuidado. No âmbito da saúde reprodutiva, a criminalização do aborto ainda coloca em risco a vida de milhares de mulheres. Lutar por um aborto legal, seguro e gratuito é essencial para garantir direitos básicos.

Assinam: Adelino Boca Negra SP, Adriana Vieira de Melo AL, Alda Santos MG, Alex Fernandes SP, Alex Santana SP, Almir Cyrino SP, Ana Mazzone SP, Ana Paula Almada RS, Carla Yonamine SP, Costa SP, Erick França SP, Evelyn Di Loretto SP, Fabíola Diogo SP, Felipe Carvalho SP, Fernanda Barbosa SP, Fernando Bittencourt SP, Flávio Correa SP, Fred Williams AL, George Araújo SP, Gilmar Lopes SP, Inaya SP, Joel Ramos dos Santos Filho AL, Jorge dos Santos Ferreira RS, Juliana Clemente SP, Leo Davi SP, Liduína Fernandes SP, Luiz Moura SP, Marília Hoshino SP, Noemia RS, Ricardo Silva SP, Rodrigo Armando SP, Roldan SP, Ronaldo Campos SP, Ronas RS, Thiago Leme SP, Thiago Mathias SP

Tese sobre opressões - Fenametro CUT

Com a ascensão de governos fascistas tanto na Europa quanto na América, principalmente com a eleição de Donald Trump, setores oprimidos historicamente como mulheres, negros, LGBTQIAPN+, indígenas assim como os imigrantes, tornaram-se alvos fáceis de uma política de segregação e violências por estes governos ditos conservadores.

Aqui no Brasil a onda crescente dos conservadores e neofascistas, impõe também a esses setores da sociedade já tão carentes de políticas públicas, uma vigilância maior do ponto de vista de suas organizações e inserções em espaços de poder e de decisões. Também há que haver uma maior interação dos setores organizados para que políticas já existentes e

outras que possam vir não sejam inviabilizadas por um possível crescimento desses setores conservadores dentro dos espaços de governos, afetando principalmente a elaboração e efetivação das políticas públicas para grupos setoriais mais fragilizados e excluídos.

Assinam: Almeida Junior - AS, Robson Santos - OT, Sheila Ueta - OT, José Tagliari - GSO, Kobori - AS, Carlos Freitas - OT, Arilson - AS, Vinicius Morgado - AS, Marcos Freire - OT, Pedro - Monotrilho, Nailton Alves (Bochecha) - PIT, Amaral - PIT, Wagner João - OT, Adriana Zampieri - OPE, Carol - OPS, João Laruccia - OT, Elaine Damásio, Eduardo Pacheco - Aposentado, Marlene - Aposentada, Eduardo Santos - OT

Opressões

A luta contra o machismo, o racismo e a LGBTfobia deve ser parte da luta cotidiana dos movimentos sociais e, por consequência, da nossa Federação. É errada a ideia de que essas lutas dividem a classe trabalhadora, porque a classe trabalhadora é composta majoritariamente pela população oprimida.

E foi justamente a luta contra essas opressões que ganharam destaque e deram animo para os movimentos sociais nos últimos tempos. As lutas feminista, antirracista e antiLGBTfóbica foram as lutas que tiveram mais dinâmica e trouxeram novos e fundamentais atores para a luta de classes. A luta pelo fim da escala 6x1, encabeçada por um

trabalhador negro e LGBT e por uma parlamentar trans e negra demonstram que está errado dissociar as lutas clássicas da classe trabalhadora, como a redução da jornada de trabalho das lutas contra as opressões. Essas lutas podem e devem caminhar juntas.

Assinam: Camila Lisboa, Bernardo Lima, Leandro Miserável, Sergio Carioca, Dagnaldo Gonçalves e Paulo Pasin

FINANÇAS

Fortalecimento Financeiro da Federação

A sustentabilidade financeira é essencial. O último período exigiu esforços redobrados para manter a Fenametro ativa. Este congresso deve retomar a resolução já existente para um aumento

gradativo das contribuições estaduais conforme apresentado aos sindicatos no último período.

Essas mudanças devem ser implementadas de forma flexível, permitindo ajustes conforme as

realidades locais, mas com o compromisso de viabilizar as ações necessárias para resistir às privatizações e terceirizações.

Assinam: Adelino Boca Negra SP, Adriana Vieira de Melo AL, Alda Santos MG, Alex Fernandes SP, Alex Santana SP, Almir Cyrino SP, Ana Mazzone SP, Ana Paula Almada RS, Carla Yonamine SP, Costa SP, Erick França SP, Evelyn Di Loretto SP, Fabíola Diogo SP, Felipe Carvalho SP, Fernanda Barbosa SP, Fernando Bittencourt SP, Flávio Correa SP, Fred Williams AL, George Araújo SP, Gilmar Lopes SP, Inaya SP, Joel Ramos dos Santos Filho AL, Jorge dos Santos Ferreira RS, Juliana Clemente SP, Leo Davi SP, Liduína Fernandes SP, Luiz Moura SP, Marília Hoshino SP, Noemia RS, Ricardo Silva SP, Rodrigo Armando SP, Roldan SP, Ronaldo Campos SP, Ronas RS, Thiago Leme SP, Thiago Mathias SP

BALANÇO

Balanço Fenametro

Dentro dos limites de sua atuação, nossa Federação cumpriu um papel importante na luta contra as privatizações no último período. O avanço da privatização sobre uma de nossas bases de empresa pública, a CBTU de Belo Horizonte, foi uma derrota imposta pela sanha privatista do governo Bolsonaro e pela morosidade do atual governo federal em enfrentar e impedir o avanço desse processo.

Os companheiros de Minas Gerais foram muito guerreiros na resistência, mas precisamos ser cientes de que essa luta é um grande enfrentamento contra grandes grupos econômicos que querem abocanhar as vantagens dos contratos milionários que socializam os prejuízos e privatizam apenas o lucro.

Neste sentido, por mais que tenhamos vivido essa derrota, nossa Federação não deixou de lutar e resistir contra esse processo.

Assinam: Camila Lisboa, Bernardo Lima, Leandro Miserável, Sergio Carioca, Dagnaldo Gonçalves e Paulo Pasin

Atualização e revisões são necessárias

1 - A Federação deve atualizar seu endereço nos registros;

2 - a Fenametro deve instituir Comissão de Ética envolvendo secretarias de mulheres, raciais e LGBT's, além destas pastas, cada diretoria deverá, em seu início de mandato, indicar outras diretoras e diretores com base na proporcionalidade para compor a comissão. Se houver interesse direto de alguma pessoa nas discussões, outra pessoa deverá ser indicada. Assim como, a comissão poderá indicar pessoas de fora da direção, conforme o peso das forças políticas, para que possam contribuir com os trabalhos;

3 - considerando que desde 2008 houve desfiliação de Central Sindical em congresso da Fenametro, esta resolução deve ser formalizada nos registros da entidade, ou seja, efetivando a desfiliação e se mantendo independente até que haja nova resolução em contrário;

4 - tendo em vista resolução congressual já existente, a Fenametro oficializa em seu estatuto, que nenhum estado pode ter mais de 40% de delegados do congresso;

5 - o estatuto da Fenametro passa a permitir que as eleições para delegados ao congresso e às plenárias nacionais possam ser realizadas em votação nome a nome nas áreas, sem excluir o formato atual, ou seja, apenas dando mais uma opção;

6 - o estatuto da Fenametro deixa diversas lacunas para alguns temas, inclusive em relação à alterações na diretoria, renúncias, trocas entre outros. Nesse ponto, este congresso reforça a resolução do 8º congresso, que possibilitou a substituição de diretores com base em decisão de maioria da direção da Federação, ajustando o estatuto para que, considerando a manutenção da proporção das forças políticas, considerando as chapas inscritas previamente em congresso, a cota de gênero e demais regras eleitorais, haja possibilidade de substituição por suplente, sem depender da plenária nacional;

7 - este congresso autoriza uma comissão eleita a revisar e apontar possíveis ajustes jurídicos e políticos no estatuto, os quais, exclusivamente nesse aspecto de revisão, deverão passar por plenária nacional para referendo, ou seja, não sendo necessário aguardar o próximo congresso. Enfatizando que esta resolução não significa mudança para que plenárias possam discutir alterações estatutárias.

Assinam: Adelino Boca Negra SP, Adriana Vieira de Melo AL, Alda Santos MG, Alex Fernandes SP, Alex Santana SP, Almir Cyrino SP, Ana Mazzone SP, Ana Paula Almada RS, Carla Yonamine SP, Costa SP, Erick França SP, Evelyn Di Loretto SP, Fabíola Diogo SP, Felipe Carvalho SP, Fernanda Barbosa SP, Fernando Bittencourt SP, Flávio Correa SP, Fred Williams AL, George Araújo SP, Gilmar Lopes SP, Inaya SP, Joel Ramos dos Santos Filho AL, Jorge dos Santos Ferreira RS, Juliana Clemente SP, Leo Davi SP, Liduína Fernandes SP, Luiz Moura SP, Marília Hoshino SP, Noemia RS, Ricardo Silva SP, Rodrigo Armando SP, Roldan SP, Ronaldo Campos SP, Ronas RS, Thiago Leme SP, Thiago Mathias SP